

LA VIDA EN EL CINEMA

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 154

50 CENTAVOS

ANO IX



Invicta Cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 154
PORTO
30 DE JANEIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMPRESA GUEDES, LDA. - PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aginaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— lherme —
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITEM

as NOVAS INSTALAÇÕES da

RADIO-PORTO

na Av. Aliados, 156 a 162

O maior estabelecimento de
Radio-telefonía em Portugal

na capa:

**Susan
Fleming,**

uma jovem
artista da
«Columbia»



ao lado:

**Laurel
e
Hardy,**

os famosos
cômicos da
«Hal Roach
Studios».

O que são as sessões de cinema num colégio do Porto

HÁ muito tempo já, começou correndo a notícia de que o Grande Colégio Universal desta mui nobre, leal e invicta cidade, proporcionava aos seus alunos, internos e externos, e suas famílias, espectáculos cinematográficos nocturnos, todas as semanas.

Realmente, às sextas-feiras, das vinte e uma horas em diante, as imediações do colégio tomam uma animação inusitada. De todos os lados chegam grupos de rapazes e raparigas, de todas as idades e de todos os tamanhos, seguidos alguns pelo olhar mais ou menos venerando das mães; e o colégio, de portão escancarado, onde um porteiro fiscaliza a apresentação duma espécie de bilhete de livre-trânsito, lá vai sorvendo aquela gente risonha, faladora e juvenil (mães excluídas, bem entendido). A' meia-noite ou meia hora dá-se o inverso, e o mesmo portão lança toda aquela gente na rua e fecha-se solenemente sôbre a tagarelíce bulhenta da petizada.

A princípio, tendo tido conhecimento do que se passava, rejubilamos. Ora até que emfim um estabelecimento de ensino resolvia empregar o cinema como complemento da instrução ministrada nas aulas pelos seus professores. E, interessados de veras com este caso, deliberamos, por curiosidade, fazer uma reportagem *sur place*. Imaginem a nossa decepção ao vermos que essas sessões cinematográficas, sem o menor fim didactico, não só eram uma habilidade para chamar as atenções sôbre o colégio — comercialismo — como também serviam de pretexto para os rapazes e raparigas das circunvizinhanças terem encontros amorosos...

Mas vamos por partes: Os programas, organizados sem cuidado nem inteligência, compõem-se invariavelmente dum jornal de actualidades, velhíssimo, duma farça em duas partes e duma comédia qualquer, vulgar e medíocre, fazendo vezes de filme de «fundo». De filmes culturais, nem sombras!

Num colégio, que oferece semanalmente espectáculos cinematográficos aos seus alunos e que tinha a obrigação de lhes ministrar, pela imagem, preciosos ensinamentos (mesmo distraíndo-os) como complemento das lições aprendidas nos livros; que tinha o dever moral de exhibir filmes culturais (e ha tantos e tão interessantes!) que poderiam ser comentados, durante a projecção, por um mestre, ou discutidos nas aulas dos dias seguintes (e simultaneamente podiam ser exhibidas pequenas comédias desportivas, filmes cómicos curtos, ou desenhos animados); num colégio, emfim, que devia procurar cultivar o espírito dos seus alunos, mesmo nos momentos recreativos, exhibem-se quási sempre comédias vulgaríssimas, mais ou menos sentimentais, que há anos fizeram parte dos peores programas que os nossos cinemas levaram, ou, então, passam-se películas que seriam aceitáveis cá fora, mas que nada as recomenda para serem projectadas no écran dum estabelecimento de ensino... que se prese.

Isto, só em Portugal!

Mas há mais. Talvez cêrca de 20 % do público que frequenta essas sessões cinematográficas são estranhos ao colégio. A direcção distribui pelos alunos cartões de livre-trânsito, para que só êles e suas famílias possam assistir aos espectáculos... mas o certo é que muitas outras pessoas possuem esses cartões e aproveitam-se do pretexto do cinema para poderem passar três horas com os respectivos namoros...

Para os miúdos, é realmente o espectáculo cinematográfico — e bem mau êle é! — o que os atrai; mas para os grandes, para as raparigas e rapazes de mais de dezasseis anos — e muitos deles não são do colégio — é o mútuo «sex-appeal» o que os chama. Mas isso ainda seria o menos se as sessões do cinema fossem organizadas com inteligência e com fins elevados...

(Continúa na pág. 14)

DA VIDA CINEGRÁFICA

O que fazem alguns artistas nas horas vagas

Ramon Novarro, por exemplo, é tanto um músico exímio com um bom actor, É muito difícil dizer qual destas duas artes está mais perto do seu coração. Antes de entrar para o cinema, êle costumava dar lições de música e planeava fazer uma carreira na ópera.

Novarro pratica a sua voz todos os dias, quando não está trabalhando. Todos conhecem a suavidade da sua voz, mas poucos são os que sabem da sua habilidade como estudante de literatura musical. Estuda infatigavelmente, pois a música é o seu passatempo favorito e a sua grande fonte de felicidade.

Marie Dressler, no meio de sua atarefada existência, tem ainda tempo para escrever livros, sendo autora de dois. O primeiro intitula-se «The Life Story Of An Ugly Duckling», tendo sido publicado em 1924. No ano passado, a enérgica Miss Dressler escreveu «The Girl Stood on the Burning Deck», uma continuação da sua biografia, colaborando também em vários jornais.

Algum dia, quando Marie decidir retirar-se da têla, dedicará provavelmente a grande energia do seu espírito ao cultivo da literatura. E que valioso material terá para os seus livros, com as experiências da sua própria vida!

Wallace Beery vive para a aviação durante as suas horas vagas. Possui uma licença de aviador e é proprietário dum avião com capacidade para seis passageiros, sendo uma grande autoridade em assuntos que digam respeito à navegação aérea. Quando não está nos estúdios, é garantido encontrá-lo no ar, no ar ou entre os seus planos de aviação.

Jean Crawford passa as suas horas vagas modelando figuras de argila numa das salas da sua residência em Beverly Hills. A maior ambição da sua vida é ir a Paris estudar escultura.

William Haines é uma grande autoridade em antiguidades. O que a princípio para êle começou como passatempo, tornou-se mais tarde em campo comercial, pois agora Haines é proprietário duma loja de antiguidades em Hollywood.

Jean Hersholt colecciona livros raros quando não está interpretando algum dos seus personagens dramáticos perante a «camera».

John Miljan, o sinistro vilão do cinema, passa as suas horas livres cultivando flores no seu jardim.

Anita Page, continúa sempre com os estudos de desenho que principiou

quando ainda estava na escola. Os seus desenhos à pena e aguarela são dignos de uma artista perita.

Qualquer pessoa que fale com Neil Hamilton descobrirá que êle é um mestre na arte de ilusionista. Outrora, foi presidente duma associação nacional de mágicos amadores. Tem na sua residência os mais complicados aparelhos, afim de divertir os seus amigos durante as suas reuniões.

Conrad Nagel devota a maior parte do seu tempo livre a actuar como orador da indústria cinematográfica. Nagel fala pelo rádio, officia como mestre de cerimónia nas estreias e dirige as assembleias de artistas e directores. Durante a sua longa carreira como actor, Nagel fez um cuidadoso estudo da indústria cinematográfica e bem assim os seus problemas e possibilidades.



JANET GAYNOR

Protagonista do filme «O Papá das Pernas Altas», em exhibição no Trindade



CHARLES ROGERS,

novamente contratado pela Paramount,
terminou recentemente o filme «A Cidade do Divórcio»

Como o leitor vê, os artistas de Hollywood não se sentam a descansar com os braços cruzados durante as suas horas vagas.

Um processo cupioso Ha dias, o «Diário de Notícias» publicou a seguinte informação de Londres:

«Nos tempos que vão correndo, tudo serve para arranjar dinheiro e o Almirantado britânico julgou fazer um belo negócio alugando, por contrato devidamente legal, algumas unidades da marinha e respectivo pessoal a um produtor de filmes cinematográficos.

«O Almirantado cobraria uma percentagem de quinze por cento sôbre os lucros da exploração do filme. O Almirantado, porém, tendo recebido menos do que calculava, pois não tomou em consideração as despesas da produção, que aliás constavam do contrato, intentou um processo à Companhia, reclamando mais 1.607 libras esterlinas. Mas o tribunal que acaba de julgar esta pretensão, não só deu razão à Companhia, como condenou o Almiran-

tado a pagar-lhe 112 libras «recebidas a mais» e nas custas do processo,

«Um dos juizes exarou a declaração de que era lamentável ver os navios de guerra e os marinheiros da marinha britânica empregados na produção de filmes cinematográficos por conta de companhias. «Há, acrescentou, qualquer coisa de sórdido em utilizar com este fim os grandes vasos de guerra e os nossos marinheiros.»

Tom Mix vai reaparecer O popular actor cowboy Tom Mix, ha longo tempo afastado da actividade cinematográfica, foi recentemente contratado pela Paramount para desempenhar um dos personagens do filme «O Expresso de Changai». Como noticiamos, os principais papeis desta produção são interpretados por Marlene Dietrich, Clive Brook e Anna May Wong.

Este filme é dirigido por Joseph von Sternberg.

Calculam os técnicos do estúdio da Paramount em Hollywood que o número de metros de negativo que a censura interna obriga a deitar fora cada ano, daria para fazer mais de cinquenta fitas de grande metragem.

Fragmentos

O director do *Cine-Jornal* da Covilhã, sr. João Carlos Fazenda, deu-nos o prazer da sua visita, o que muito agradecemos.

O «Club desportivo de Mafamude» teve a amabilidade de nos enviar um convite para os bailes de carnaval que se realizam, no salão de festas dessa associação, nos dias 30 de Janeiro e 6 e 9 de Fevereiro. Agradecemos a lembrança.

Temos recebido cartas de alguns leitores protestando contra a incômoda distribuição de senhas aos frequentadores dum cinema desta cidade, quando estes desejam sair da sala de espectáculos durante intervalos.

Consta-nos que os cinéfilos da Covilhã, para obrigarem a empresa do cinema local a instalar o sonoro, fizeram a «greve do cinema», conseguindo assim ver satisfeitos os seus desejos.

a *legenda* voltou a aparecer, bastante melhorada e com a sua habitual boa disposição.

Actividade
cinema-
tográfica

Na minha última crónica, se bem me lembro, falei-vos durante mais duma coluna em falta de assunto. Hoje venho penitenciar-me e pedir-vos muita desculpa de vos ter mentido. Sim, eu menti-vos com um cinismo e uma presença de espírito verdadeiramente revoltantes! E para que vocês não fiquem zangados comigo vou explicar as razões da minha mentira.

Eu tenho a triste ideia de acompanhar a moda tanto quanto posso, e como está em voga os jornalistas cinematográficos escreverem crónicas muito tristes sobre a falta de assunto, não quiz fugir à regra e segui-lhes o exemplo, embora para isso tivesse de vos mentir.

Falta de assunto! Eu tive lá alguma vez falta de assunto!

Como é mesmo possível que o assunto não abunde nesta Lisboa, onde a actividade cinematográfica é intensa!

Vocês escusam de sorrir com um arzinho de incredulidade e de desdem, porque o que eu acabo de escrever é simplesmente a expressão da verdade.

A actividade cinematográfica aqui em Lisboa é tão intensa, tão intensa, que até faz impressão...

Se não acreditam, leiam esta crónica até ao fim e não-de concordar comigo.

O Leitão de Barros vai qualquer dia começar a fazer o seu novo filme que certamente será o mais caluniado de todos, o que não impedirá que seja também o melhor.

O António Fagim, mais dia menos dia arranja dinheiro para os *Soldados de Portugal* e lançar-se-á com unhas e dentes à sua realização; a prova disto é que já anda para aí muita gente a dizer mal dêle.

O António Leitão continua a trabalhar no seu *Amôr sem azas*.

Ontem à tarde no Nicolau afirmaram-me com toda a convicção que alguns nomes daquele que vocês estão fartinhos de ler constantemente nas nossas revistas cinematográficas não tardariam em começar os trabalhos dum filme histórico; a planificação até já está pronta e parece que já arranjaram capitalista.

A *Paísagem* e *O Milagre da Rainha* continuam parados, muito quietinhos como dois meninos bem educados.

O César de Sá, o F. Quintela, o A. C. de Macedo, o Lauman e alguns mais continuam com uma serenidade imperturbável a filmar muitos quilómetros dos *cem metros*.

Há também uma pleiade de rapazes, jovens esperançosos, que não tardará muito se não-de revelar talentosíssimos cineastas; outros que

DE
L
I
S
B
O
A

na tela vão encantar tôdas as cinéfilas; e temos ainda imensas raparigas que continuam a sonhar sistematicamente com todos os bonitinhos do *écran* e a desejarem ardentemente, com uma fé e um estoicismo dignos de louvôr, vir a ser estrelas de cinema.

O António Luis Lopes não tardará a apresentar-nos *Campinos*.

O estúdio nacional está em vias de construção...

Se juntarmos a tudo isto os factos de a Heloísa Clara adoecer de vez em quando, de a Saïn-Ben-Hafid jogar as batalhas navais, de a Rosa Maria continuar no Alentejo, de a Dina Tereza, a Corina Freire e a Beatriz Costa continuarem a trabalhar no *Variiedades*, de a Dina Vilhena continuar a ser modêlo dum costureiro e de as outras terem desaparecido da circulação, concluímos fatalmente que o assunto nunca falta e que a capital é um verdadeiro paraíso para o jornalista.

Como vêm, eu no último número menti-vos descaradamente.

Notas à margem

Não há muitas horas que vi este filme.

— de «Tabú» —

Tenho ainda na retina muitos daqueles quadros

de maravilha, muita daquela extraordinária beleza que ontem à noite no Tivoli tive o inefável prazer de apreciar.

Quando um filme vem até nós precedido dum grande nome, quando antes de o ver leio a seu respeito os mais encomiásticos artigos, tenho por via de regra uma desilusão.

Quási sempre dou largas à minha fantasiosa imaginação, e idealizo algo de superior à realidade.

Com *Tabú* nada disto aconteceu.

Tinha já lido muita prosa a respeito deste filme, tinha já visto um grande número de prometedoras fotografias, e todavia ontem à noite constatei com alegria que a minha imaginação, desta vez, não lograra atingir a realidade. E' que na verdade não há adjectivos que qualifiquem com justiça absoluta esta maravilha cinematográfica.

Desde a primeira à última imagem, desde a surpreendente interpretação dos indígenas polinésicos à maravilhosa melodia dos coros e de todo o acompanhamento musical, tudo é belo, tudo é poesia, tudo é surpreendente.

Há dias, em presença dum documentário que nos mostrava a Nazaré, eu dizia a alguém que era arriscado para qualquer cinegrafia filmar aquelas paisagens depois do Leitão de Barros ter feito *Nazare, praia de pescadores e Maria do Mar*.

FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRÁFICO

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350. Telef. 2680

Pois agora digo mais: nenhum cineasta conseguirá filmar as paragens que Murnau nos mostra, de modo a ultrapassar *Tabú*.

F. W. Murnau quiz despedir-se do cinema produzindo uma das maiores obras filmicas de todos os tempos e conseguiu-o.

Eis um filme *nec plus ultra*.

Vocês não julguem que eu estou a escrever uma crítica.

Estou muito simplesmente a patentear a minha admiração e o meu entusiasmo por uma obra prima que infalivelmente vai encantar tôda a gente.

O quê? Que é que eu disse?

Eu disse que *Tabú* era uma obra de arte que infalivelmente ia encantar toda a gente?

Vocês perdoem, mas eu enganei-me. Agora



me lembro que ontem no Tivoli, por traz de mim, estavam dois rapazes muito finos, muito elegantes, muito penteadinhos e certamente muito cultos pois sabiam a letra em francês do *Ville d'Amans* que comentavam o filme com as seguintes palavras:

— *Que chatice!*

Só agora reparo que acabo de escrever involuntariamente o melhor elogio do filme...

Lisboa, Janeiro de 1932.

Fernando.

○ ○ ○
C A R T A
D E
M O S C O U

Apresentação O meu amigo Lorenzo Pirojnikov, com quem mantenho, ha cêrca de dois anos, regular correspondência, quási que exclusivamente sôbre assuntos literários e artísticos (porque eu não pretendo, nem êle, fazer a propaganda do comunismo em Portugal), promete-me, a meu pedido, mandar-nos, de quando em quando, um pequeno artigo sôbre os filmes soviéticos mais interessantes, que forem saindo das «fábricas cinematográficas» da U. R. S. S. O meu correspondente não se compromete a ser regular, mas garante-me que nos dará notícias do seu país, sempre que os seus estudos e a sua vida particular o permitam. — **Alves Costa.**

As experiências feitas na U. R. S. S. em cinematografia sonora têm sido coroadas do melhor êxito, e agora quási todos os filmes produzidos nas nossas «fábricas» são feitos dentro das normas da nova modalidade cinegráfica.

O melhor fonofilme até hoje realizado na U. R. S. S. foi *O Caminho da Vida*, que Nicolas Ekk nos apresentou em Abril. E' uma obra excelente, que nos mostra a vida dos garotos da rua, crianças abandonadas, que foram o resultado da fome terrível que em 1921

atacou toda a União soviética, após a guerra civil. Essas crianças da rua eram ladrões, bandidos, verdadeiros pequenos criminosos. Então, o Poder soviético começou a liquidar êste mal vergonhoso.

Uns propunham que se metessem êsses garotos de ambos

os sexos na prisão, porque, diziam, as crianças que viveram a vida da rua jamais se corrigiriam senão com a prisão e o castigo. Mas outros propuzeram emendá-los com o trabalho, organizando para isso colônias com oficinas, onde ensinariam essas crianças semi-selvagens a trabalhar honestamente. Esta experiência foi feita, tendo sido colhidos os melhores resultados.

O realizador dêste filme é Nicolas Ekk, da «fábrica» Prometeus, que, com *O Caminho da Vida*, deu ao cinema soviético uma grande vitória. Há uma coisa que eu não acho bem nesta película: o realizador devia ter mostrado as «raízes» do mal que foca, quero dizer: mostrar-nos a guerra civil em 1919-20, a intervenção dos ingleses e dos franceses na Rússia e a fome de 1921.

Antes de terminar, devo dizer que actualmente quási que não se exibem filmes estrangeiros entre nós.

Moscov, 18 de Dez. de 1931.

L. Pirojnikov.

RESPONDENDO...

ORA vamos lá a ver se com o nosso *falari* e com o *contari* conseguimos demonstrar ao articulista da *Cine-arte*, n.º 303, que deu uma grande *pégada* no bom senso.

Se soubessemos alguma coisa da tal «língua brasileira» falávamos-lhe nela; assim, temos de procurar escrever em português, a linda língua dos «canastrões de além-mar», como eles dizem...

Pedimos-lhe, Ex.^{mo} *Cineartista*, que não nos troque o nome; chama-se esta revista *Invicta-Cine* e não *Invicta-Filme*. Vimos à paliçada, porque o colega de além-mar é um nativista, parvo, estúpido, maldoso e boçal; de outro modo, mandávamo-lo para o *Caju* do lixo.

A sua negação, *excelência*, de que o Brasil, não o intelectual mas o outro, não aceita uma reforma ortográfica, que daí nos trouxeram, sem título de imposição; a sua pretensão alarde de que são quarenta milhões os habitantes do Brasil, tendo-se esquecido de notar a percentagem de analfabetos com relação aos míseros seis milhões e meio portugueses, só serve para demonstrar uma incoerência bruta e gasta, uma tendência a ódios, um ódio de mestiço, estupidamente parvo.

Não são dos moldes desta revista as questões filológicas, por mais interessantes que

sejam; mas é da obrigação de todos ter um brio, uma dignidade própria, que não deixe rastejar a dignidade nacional, puxada por qualquer alimária,

seja de que natureza fôr.

E' tempo, senhor da *Cinearte*, de pegar no seu nativismo e afogá-lo nas águas da Guanabara. O seu artigo é raivoso. Não rala aos pequenos seis milhões que haja um artífice que não compreende o português. Apenas o interessaria se pretendessem demonstrar que a primeira réstea de civilização, chegada às terras de Santa Cruz, não foi levada por um português, que se chamava Pedro Álvares Cabral, no ano de 1500.

Não rala ao minúsculo, que não possa passar do primeiro acto duma peça teatral portuguesa, um cretinite que deve ter estudado sobre gramáticas decalcadas das portuguesas, e que pretende criar uma língua diversa, para agradar e satisfazer uma consciência pétrea.

E não rala, porque, normalmente, são os povos civilizados que se esforçam por compreender a língua dos povos atrasados, o que não sucede com o cavalleiro.

E' lei da história que o povo mais atrasado cede sempre a sua língua à do dominador ou conquistador mais civilizado; tal sucedeu.

Mas não permite vê-lo, uma maldosa venda de má-vontade, que, saltando por cima de tudo, zomba, ri e brinca com a dignidade de um povo.



GEORGES MILTON

o famoso cómico francês, que brevemente nos aparecerá no espirotuoso fonofilme «O Rei da Graxa»

No Brasil, temos brasileiros amigos, temos homens e colónia a quem o Brasil deve aquilo que actualmente é. Em Portugal, tem o Brasil amigos, tem homens e tem colónia, à qual Portugal nada deve.

E' justo que o articulista da *Cinearte* se lembre que estamos no princípio duma época de intercâmbio literário, artístico e comercial; não é justo, portanto, que se dê assim, sem mais nem porquê, meia dúzia de coices num povo, só porque uma revista, muito lealmente, disse que o público português antipatizava com os filmes produzidos em língua portuguesa abrasileirada,

Não será neste século, e provavelmente nunca, que, infelizmente para o brasileiro da revista, Portugal e a sua língua desaparecerão da carta da Europa. Terá o desgosto de ver-nos de largo tempo demonstrando que pequenos, mas ousados, descobrimos e civilizamos muito país, incluindo o Brasil.

A superioridade numérica com que pretende abafar-nos o *homo sapiens* da *Cinearte*, nada representa, porque não são em questões filológicas os algarismos que mandam, mas o raciocínio e a boa lógica.

Consideramos o que pretendem que seja língua brasileira, um grande dialecto português.

(Continua na pág. 12)



LOUISE BROOKS

a encantadora intérprete de «O Prémio de Beleza», declarou a um jornalista que tão breve não pensa voltar a trabalhar para o cinema.

NOTICIÁRIO

No passado dia 18, estreiou-se em Berlim o novo filme de René Clair, *Viva a Liberdade*. O famoso realizador desta produção, assistiu à primeira exibição.

Gustave Diessi, será um dos interpretes da versão alemã do filme *Atlantide*. Brigitte Helm, como já noticiamos, é a protagonista.

Em homenagem a Lya de Putti, alguns cinemas holandeses, exibiram o filme *Variedades*.

Artista cinematográfico António Moreno, encontra-se presentemente no Mexico, dirigindo o filme *Santa*. Lupita Tovar desempenha o primeiro papel.

Rita Page Palmborg, publicou, recentemente, em Hollywood, um livro que relata a vida particular de Greta Garbo. A primeira edição foi de 2.500 exemplares tendo tido uma franca venda.

Henry Roussell, vai produzir *A Morta do Cisne*.

Edmund Goulding, deve ter começado a realização de *Grand Hotel*, original de Vicky Baum, com Greta Garbo como protagonista.

Dolores Del Rio, está interpretando o primeiro papel de *The Bird of Paradise*.

Richard Dix e Irene Dunn, trabalham em *The Marche of a Nation*.

«Marriage Interlude», original de Pirandello, foi adaptado ao écran por Edwin Knopf.

Werner Krauss, será o principal interprete de *Tout est bien qui finit bien*.

Realizador do filme franco-português *Capas Negras*, Genaro Dini, fundou em Paris uma empresa produtora de filmes.

Suzanne Bianchetti, conhecida artista dos velhos tempos do mundo, trabalha presentemente em *La Folle Nuit*, sob a direcção de Léon Poirier.

Fonofilm *A Doçura de Amar* que em Portugal pouco sucesso obteve, foi recebido com bastante agrado em New York.

«Rocamboles», o conhecido romance de Ponson du Terrail, vai ser adaptado ao cinema por Gabriel Rosca e André Pellenc.

«A Marca de Fogo» é o título definitivo do filme *The Cheat*, que Tallulah Banhead fez para a Paramount.

Quando for estreado em Berlim o filme *O Expresso de Changai*, Marlène Dietrich, famosa estrela alemã, assistirá às primeiras exibições.



CLIVE BROOK

famoso actor inglês, que há longo tempo trabalha na América, encontra-se presentemente em Londres para desempenhar um dos principais papéis dum filme que a Paramount vai produzir nos seus estúdios de Elstree.

Marion Davies, é a protagonista de *Polly of the Circus*.

Dorothy Arzner, a única mulher que se distinguuiu como realizadora de filmes, está dirigindo *Working Girls*.

Foi exibido recentemente, em New York, em sessão particular, o filme *O homem que matei*, com Lionel Barrymore, tendo agradado.

No passado dia 22 do corrente mês, estreou-se no «Ufa Palace am Zoo» a versão alemã do filme *Tumultos* com Emil Jannings e Anna Sten.

**B
R
E
V
E
M
E
N
T
E**



no

AGUIA D'OURO

Georges Milton,

**o popular «Bouboule»,
no grande super-filme**

© REI DA GRAXA

a melhor cine-comédia da actual
época apresentada pela

**AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, LDA**

Nos lábios... não!...

(Pas sur la bouche)

Filme falado e cantado, extraído da opereta de A. BORDE e M. YVAIN, « mise en scène » de RYMSKY e EVREINOFF.

DISTRIBUIÇÃO
de J. CASTELO LOPES L.^{DA}

INTERPRETAÇÃO

NICOLAS RIMSKY — Tompson
MIREILLE PERREY — Gilberte
ALICE TISSOT — M.^{lle} Poumaillac
JANE MARNY — Huguette
JACQUES GRÉTILLAT — Valandray
LUCIEN GALAS — Charley
PIERRE MORENO — Faradel

© chefe dos índios, corado de arrogantes plumas brancas, acabava de capturar uma jovem e linda mexicana que se debatia como um diabrete, nas suas mãos. O seu nervoso, não durou muito nem atingiu o seu fim, porque rapidamente, um jovem, comandando um exército de Amazonas de corpo esbelto e flexivo, libertou-a dos seus raptos, um jovem herói belo como um deus... Agora os índios fogem através da paisagem equatorial onde se lubrigam palmeiras, enquanto as Amazonas vitoriosas, esboçam, cantando, um passo de dança triunfal... Mas que vem a ser isto? Casacas de bom talhe, misturam-se imediatamente com os oropêus bizarramente pintados, das Amazonas, e a jovem que se lamentava há pouco, prisioneira do chefe indiano, exprime-se em linguagem parisiense. « Flirta » com o mesmo herói que a « salvou ». Este, não é outro senão o organizador dos divertimentos, e estamos num circo, no ensaio geral dum espectáculo que deve ter lugar amanhã.

Agora, canções ligeiras evolvem-se neste reino de opereta onde vive a divina fantasia. Seis « girls », correm vestidas de igual e cercam a amazona libertada que canta « Um beijo... um beijo! » Esta amazona é Gilberte Valandray, uma mulher deliciosa, casada com um industrial que a ama e que ela não ama menos loucamente. Seu marido, não tem a seu ver senão um único defeito, o de não ser ciumento. Portanto, os admiradores interesseiros não faltam a Gilberte. Preferem-na muito antes de sua tia, a exuberante e avassaladora Mlle. Poumaillac para a qual já passou a idade do « flirt », mas que ainda o exerce por conta própria.

Há sempre na esteira da jovem mulher, o elegante Charley, vencedor dos índios, o pintado Faradel, de flor na boteira e o cumprimento nos lábios. Há também... o primeiro marido de Gilberte, o riquíssimo negociante Tompson. Um cavalheiro original este Tompson. Se bem que não seja mau rapaz nunca se compreenderam as razões que motivaram o seu divórcio. Tompson, durante o breve período da sua lua de mel tinha obstinadamente recusado beijar Gilberte na boca, dando como pretexto, que outrora quando tinha doze anos, a sua governanta tinha-lhe dado um do qual conservava uma repulsa invencível, reforçada agora por uvêros e pudibundos princípios de higiene.

— Um beijo, um beijo... eu acho isso noventa, costumava repetir.

Valandray, ignorava este casamento anterior de Gilberte que não tinha nenhum desejo em mencioná-lo. O industrial professava a teoria que é preciso ser o primeiro no coração duma mulher se se quer evitar derivantes sentimentais.

Ora, o azar dos negócios fez um dia entrar em relações Valandray e Tompson. O negociante americano não hesitou em fazer uma viagem à Europa para se encontrar com Valandray. Deixou, sem cuidados a situação elevada que ocupava no 45.º andar dum arranha-céus da 5.ª avenida e partiu sem um gesto de adeus às suas sessenta dactilas de dedos leves e às suas secretárias automáticas.

Quando desembarcou em Paris, foi Faradel, quem de taxi, lhe fez as honras da capital e... lhe apresentou, um dia, Gilberte. Tompson reconheceu a sua ex-mulher e vendo que ela era esposa doutro teve a ideia de a retomar.

« Porque, pensava êle, eu recusei outrora, num « tête-à-tête » estúpido, misturar os meus lábios com os seus? »

Depois arrependia-se; os seus princípios de higiene e de pudor, dirigiam-lhe que não se devia dar a boca facilmente.

No decorrer da récita de gala, seis Amazonas tentaram violar o pudor de Tompson mas foram mal sucedidas.

— Um beijo... eu encontro isso um aborrecimento, e fugia.

Mas Tompson, continuou a viver na esteira de Gilberte e defendeu-a junto de Valandray, um dia em que este desconfiou que êle havia sido casado com uma Poumaillac. Tremia com a ideia de que não tivesse sido o primeiro no coração de Gilberte. Faradel tinha posto à disposição de Tompson o quarto que possuía no cais Malaquais.

E Tompson estava instalado na « garçonnière » de Faradel. Depois de muitas demarches e de muita insistência, conseguiu obter um « rendez-vous » de Gilberte.

Mas, precisamente nesse dia o galante Charley esperava, um outro compartimento da « garçonnière », uma linda mulher. Gilberte chegou acompanhada de Mlle. Poumaillac. Encontrou Tompson que fazia ginástica em mangas de camisa. Isso não o impediu de se lançar aos pés de Gilberte e fazer-lhe a mais ardente e entusiasmada declaração que uma mulher pode ouvir. Apenas tinha terminado bateram à porta.

— Quem está aí? perguntou Tompson através do grifo.

— Sou Valandray, abri, é preciso que lhe fale imediatamente.

— Céus, disse Gilberte, estou perdida.

— Não temais, eu vou tirar-vos de embaraços. Abri, disse ela a Tompson.

E magnanima, quando Valandray desconfiado entrou e perguntou o que fazia ali uma mulher, restabeleceu a verdade a seu modo:

— Gilberte, veio aqui acompanhar-me... Eu sou a primeira mulher de Tompson. E juntando o gesto à palavra, a opulenta Mlle. de Poumaillac, lançou-se ao pescoço do americano excêntrico e forçou-o a receber na boca os beijos de que tinha tanto horror.

Que querem que fizesse o pobre Tompson? Magnânimo não ousou dizer a verdade e continuou pensando nos beijos forçados tam semelhantes aos da sua governanta. Sempre se é punido quando se tem pecado. A sua punição não era ainda completa. Impossível devia assistir ao beijo prolongado e não desinfectado que Gilberte e Valandray trocaram entre si. E talvez vítima do contagio o belo Charley, casou-se com a amiga de infância que tinha vindo ao « apartement » do cais Malaquais.

Tudo isto, acaba como se vê, por beijos. Somente o pobre Tompson não pode estar satisfeito.

Passando em revista os filmes da quinzena

A voz da Africa (Africa Speaks)

COMEÇO por não querer saber das possíveis e prováveis «truçagens» a que os produtores pediram socorro para a confecção desta pellicula. *A voz da Africa*, se não me agradou como cinema, porque é um trabalho desequilibrado, irregular e vulgar, interessou-me como documentário, que não tem outra pretensão senão a de nos mostrar homens e animais pouco conhecidos das plateias da Europa.

A composição dêste filme não presidiu, infelizmente, aquele sentido artístico que fez de *Nanouk* e de *Moana* duas obras primorosas, cheias de beleza e poesia. Aqui aglomeraram diversas cenas filmadas no continente africano, adicionaram-lhe outras, arranjaram uma história para que o filme tivesse continuidade e pronto. E pronto não. Fizeram acompanhar todo o desfile de imagens por um comentarista brasileiro, que, se por vezes faz rir — quer pelo seu português adulterado, quer pelas graças que o obrigaram a dizer — muitas vezes, também, a sua lenga-lenga interminável cansa, aborrece.

O filme tem, todavia, muitas passagens interessantes e, por vezes, de apreciável beleza (a visão do lago dos flamingos; a apresentação de certas espécies animais, andando ou correndo, vistas com retardador, o que nos permite notar-lhe todos os movimentos; a caça aos leões feita pelos negros, etc.). Pena é que a fotografia seja tão pouco homogênea e a sonorização — quando não foi post-sonorização... seja tão imperfeita.

Contra toda a minha expectativa, o público gostou a valer de *A voz da Africa* e fez de um filme que eu supunha pouco do seu agrado, um muito razoável *box-office attraction*.

Vá lá a gente entendê-lo...

(*Águia d'Ouro* — 11 de Janeiro de 1932.)

Marrocos (Marroco)

Ver detalhadas referências sobre êste filme na *Invicta-Cine*, número 153.

(*Trindade* — 12-Janeiro-1932.)

Ceu roubado (Stolen Heaven)

Se George Abbott tivesse sabido dar outra forma ao romance de Dana Burnet, afastando-o do convencional e cenarizando-o de maneira a que o filme não se estendesse por vezes em minúcias que nada interessam, nem terminasse duma forma tão piegas e quasi ridícula, talvez *Ceu roubado* fôsse um bom filme. Tal como está, não o é. A acção desenrola-se lentamente, acentuando bem as fraquezas do cenário e da realização. A fotografia nem sempre é da melhor e o desempenho, se

não é primoroso, é talvez a única coisa que sustenta um pouco o valor da obra.

Phillips Holms, que vi pela primeira vez, agradou-me. Parece-me bom actor.

Nancy Carroll defende-se mal dum papel que não é para as suas forças. Todavia mantém-se de forma a não desmanchar.

Emfim, *Ceu roubado* pode interessar, pelo argumento, a um público pouco exigente, mas não passa, positivamente, dum filme medíocre. (*Olimpia* — 11 de Janeiro de 1932.)

O Congresso que dança (Der kongress tanzt)

Ver largas referências na *Invicta-Cine*, número 153.

(*Águia d'Ouro* — 18 de Janeiro de 1932.)

O amor entra pela janela (Oh, for a man!)

Hamilton Mac Fadden deu-nos um filme muito fraquinho, onde tudo está torto, onde tudo é infeliz. Mas o mal vem dos alicerces. O cenário deixa muito a desejar, quer pela ideia que encerra, que é um disparate muito tolo, quer pela maneira como está desenvolvido e que é muito deficiente. Depois, deram a Reginald Denny, um excelente actor de comédia, um papel muito ingrato e que o deixou seriamente atrapalhado. E nem êle conseguiu brilhar, nem Jeanett Mac Donald, que é a única coisa aproveitável no filme, conseguem afastar o tédio que quasi desde o começo nos assalta. Marjorie White aparece de fugida e faz-nos sorrir por momentos.

Em resumo: uma comédia musical muito fraquinha, que se suporta apenas em virtude da presença de Jeanett Mac Donald... que, valha a verdade, não chega a entusiasmar ninguém.

(*Trindade* — 19 de Janeiro de 1932.)

Alves Costa.

RESPONDENDO...

(Continuado da pág. 8)

Podem dar-lhe as formas que quiserem: a lingua-base, a mãe, a que manda e constrói, será sempre a lingua portuguesa, deturpada lá, por calões e africanismos.

Quando se pensa na cooperação de todos os países para resolução do problema económico universal, não é justo que um brasileiro venha menosprezar a lingua dum povo, onde tem amigos e irmãos...

Já vê, portanto, o articulista brasileiro que deu péyada.

Sócrates.



MARY BRIAN

Aos leitores que nos enviaram postais de o *Congresso que dança*, agradecemos a gentileza.

Almeida J. da Silva — Pôrto — A Direcção agradece mas participa-lhe com pesar que é impossível o que o meu amigo deseja.

Zopi — Pôrto — A minha paciência está tóda ao vosso dispor. Nunca tenham medo de me vir maçar. Gostei de *Marrocos* mas não fiquei entusiasmado. Joan Crawford: Metro-Goldwyn — Mayer Studios, Culver City, Calif., U. S. A.; Dorothy Jordan: idem; Joan Marsh: idem. Pergunte sempre, caro amigo.

Príncipe Igor — Pôrto — A's vossas ordens, alteza. Sim senhor, gostei muito de *O Congresso que dança* e pelo que vejo você não gostou menos. Foi realmente muito bem encaixada a «marcha militar» de Shubert, assim como as «Danças guerreiras» de Borodine. Alem disso tóda a música original é linda a valer. Não cheguei a ver *Os Civillzadores*... porque saíu do programa a meio da semana. Até breve. Escreva quando quiser.

Um futuro médico — Pôrto — Teremos muitíssimo prazer em contá-lo no número dos nossos assinantes. Cada série de 25 números custa 12\$50 (pagamento adiantado). Não desgostei de *A Voz de Africa*, tem coisas muito interessantes. O leitor «Um académico» diz que gostaria de trocar correspondência consigo sôbre assuntos cinematográficos. Para simplificar as coisas, um de vocês, dá-me autorização para publicar a sua morada e depois os meus amigos dirigem se um ao outro directamente. Entendido?

Um descontente — Pôrto — Sinto muito, mas não sei que lhe faça. As cartas são respondidas por ordem de recepção e ninguém tem direito a excepções.

Guidita — Pôrto — Naturalmente cheguei tarde de mais porque já não encontrei ninguém.

Greta — Pôrto — Então você ficou banzado com a Marlène! Não admira. O que me admira é que o meu amigo teime em fingir-se do sexo feminino... Olhe que isso não é bonito... Todavia escreva sempre e mande coisas.

Duzentos Ganços — Pôrto — Agora é que você me atrapalhou! A tal «menina do sinal», a quem me referi há tempos, não deve ser a que você conhece. Não sei da existência de nenhuma mana, actriz no Brasil e com capitais... Porisso não sei que lhe responder. É realmente uma maçada essa história das senhas. Diremos qualquer coisa a esse respeito, esteja descansado. Na verdade não há razão alguma que justifique essa impertinente fiscalização. E escreva mais vezes.

Um Académico — Pôrto — Caramba! Desta vez você escreveu uma carta e pêras! Vamos por partes. Aquela brincadeira sôbre os menús não pôde sair na «Tribuna dos Leitores» porque não interessa muito e porque é um bocado indiscreta... E que segredos sabe você mais?... Estou mais ou menos de acôrdo com as suas opiniões sôbre *O Presídio* e *Marrocos*. Acho, todavia, que se entusiasmou demasiadamente com o segundo filme. O quê? Você também ficou «electrizado» pela Marlène? Ai minha vida! Vocês sempre são muito... impressionáveis!... Olhe cá, que espécie de pessoa é aquela creatura a quem você se refere quasi no final da sua carta? Tinha interesse em saber. O Alves Costa agradece os parabens. Prometemos dizer qualquer coisa sôbre o cinema nesse colégio. Vejo com muito prazer que *Invicta-Cine* tem-lhe agradado. Mas ainda lhe há-de agradar mais, para futuro, verá. Já comuniquei a «Um futuro médico» os seus desejos. Até breve e estimo as suas melhoras.

Este senhor vende uma colecção da revista «Cinefilo» (n.º 1 a 42).

Adélia — Pôrto — Você compreendeu mal o que eu lhe disse da outra vez. Quem lhe pediu que nos desse o prazer de entrar para a «nossa família», escrevendo-nos de quando em quando para nos contar as suas impressões sôbre coisas de cinema, fui eu, Amok. Todavia, participarei directamente ao Fernando os seus desejos.

Flor Mimosa — Vizeu — Seja bem aparecida! Há já muito tempo que não tinha tido o prazer de receber notícias suas. Pelo que vejo a sua última viagem ao Pôrto foi aumentar a sua paixão pelo fono-cinema. Foi pena que não se tivesse demorado mais uns dias para

ver *O Congresso que dança*. Tenho a certeza que havia de gostar. *A Ultima Companhia* era um encanto. Não, não, os seus elogios não são nada exagerados; o filme de Kurt Bernhard mereceu-os bem.

Pois claro, Vizeu também precisava de sonoro. Custa um bocado, mas pouco e pouco a província equipar-se-á. Que filmes tem visto aí?

Como pode pensar que as suas cartas me aborrecem? Pelo contrário, dão-me muito prazer. Até breve, então, e não deixe de nos contar a tal história...

Cinefilo patriota — Lisboa — Pergunta-me você o que há sôbre cinema português!? Mas então não vê essa «actividade pasmosa» que reina na Capital? Todos falam muito, todos dão ideias, todos clamam, todos repontam, mas ninguém faz nada. E os que fazem alguma coisa... mais valeria que nada fizessem também... Eu agora estou muito pessimista. O ano passado, ainda tive esperanças, hoje elas ruíram por completo. Pode ser que apareça um filme ou outro, interessante, de valor, mesmo, mas serão esforços isolados sem nenhuma probabilidade de criarem cinema português.

E' isto o que há sôbre a cinematografia nacional... que não nos honra muito...

Gabirú — Lisboa — Era escusado dizer lo, pela sua carta vê se bem de que força você é... Para lhe falar com franqueza devo dizer lhe que a Nancy Carroll entusiasma-me muito pouco. Mas como gôstos e côres não se discutem... eu não discuto. Realmente eu disse que a Lillian Harvey e o Willy Fritsch estavam casados, mas afinal, você tem razão, acho que me enganei. A verdade é que a vida íntima dos artistas nunca me interessou. Que me importa que a Lillian esteja casada ou solteira? Por acaso deixará de ser a mesma Lillian Harvey?...

Henrique A. Santos — Lisboa — Muito obrigado, mas é-nos impossível aceitar.

Amok.



Hayes

CABELEIREIRO DE SENHORAS
R. Sá da Bandeira, 3
(junto aos Congregados)

ELEVADOR PARA TODOS OS ANDARES
Telefone, 833—PORTO

DA VIDA CINEGRAFICA

(Continuado da pág. 5)

Fragmentos

France Dhélia, uma das mais simpáticas artistas francesas que o «mudo» nos apresentou, foi contratada pelos «Studios Eclair» para desempenhar um dos principais papeis de uma nova produção daquela empresa.

France Dhélia tinha regressado recentemente a Paris depois de uma *tournee* que fez à América do Sul.

Emil Jannings publicou, recentemente, um interessante artigo sobre os artistas cinematográficos no «New Freie Presse».

No próximo número publicaremos o artigo em referência.

Nos estúdios da Tobis, Augusto Génina terminou a filmagem de *La Femme en Homme*.

Estreou-se ha dias em Viena o filme *Uma Noite de Rusga*.

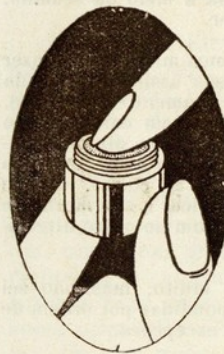
Annabella e Albert Préjean, que assistiram à primeira exibição, foram delirantemente aplaudidos.

O que são as sessões de cinema num colégio do Porto

(Continuado na pág. 3)

Se a direcção do colégio fosse o que devia ser (mas aqui, mais do que falta de probidade, deve haver muita estupidez) poderia dar aos seus alunos excelentes *soirées* instrutivas e recreativas, semanais, com o que todos aproveitariam grandemente, executando assim uma obra didáctica valiosíssima e honrosa. Mas não: limita-se a fornecer espectáculos visuais dum lamentável mau-gosto e sem a menor atenção pela educação do público jovem que a êles assiste, ao mesmo tempo que facilita, talvez involuntária mas indecorosamente, encontros amorosos...

Bonito, não acham?



3:00 Flores

numa caixinha
Um só traço imperceptível de
Perfume compacto «Guéneau»
envolver-vos-há durante todo
o dia dum perfume agradável
e duradouro.

Preço de cada caixinha, 10\$500
Perfumes: Muguet, Cravo,
Chypre, Rosa, Lilás, Violeta,
Origan. Exclusivo:

Perfumes «Guéneau»

R. 31 de Janeiro, 150-1.º — PORTO

FOTOGRAFIA GUEDES

PRIMEIROS PRÉMIOS
EM TODAS AS EXPOSIÇÕES
A QUE TEM CONCORRIDO

346, Rua de Santa Catarina, 350 — Porto

B O N U S

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
O L Y M P I A
O D E O N

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 6 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na
matinée do dia 4 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas
matinées dos dias 4 ou 6 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fau-
teuilles e Balcão no dia 6 de Fevereiro de 1932.

Nos lábios... não!

A mais deliciosa das comédias

Nos lábios... não!

O célebre filme PAS SUR LA BOUCHE

Nos lábios... não!

Tem música de MAURICE YVAN

Nos lábios... não!

É o estribilho de NICOLAS RIMSKY

Nos lábios... não!

É um filme exclusivo de J. CASTELO LOPES

Nos lábios... não!

*Estreia-se na próxima
Segunda-feira no*

Águia d'Ouro

Castelo Lopes, L.^{da}

A firma detentora dos melhores filmes
europeus e americanos

**apresenta na pró-
xima semana no**
Agua d'Ouro

o encantador fonofilme
baseado na célebre opereta de
André Barde e Maurice Yvain

NOS LÁBIOS... NÃO!...

(Pas sur la bouche)

produzido pela LUNA FILME.

Interpretação de:

Nicolas Rimsky,

Mireille Perrey, Madeleine Guitty,
Jane Marny, Lucien Galas, Jacques Gré-
tillat, Pierre Moreno e Alice Tissot.

Uma produção cheia de situações hilariantes.
Música lindíssima. Agradáveis canções.